

TEXTO COMPLEMENTAR

Algumas reflexões sobre a concepção de tempo entre os iorubás tradicionais*

Para os iorubás o tempo é cíclico, tudo o que acontece é repetição, nada é novo. Tudo que nos acontece hoje e que está prestes a acontecer no futuro imediato já foi experimentado antes por outro ser humano, por um antepassado ou pelos próprios orixás.

O oráculo iorubano, praticado pelos babalaôs, ou seja, os sacerdotes de Ifá ou Orunmilá, o deus da adivinhação, são baseados no conhecimento de um grande repertório de mitos que falam dos mais variados fatos acontecidos no passado remoto e que são refeitos, envolvendo personagens do presente. É sempre o passado explica o presente e o futuro imediato.

Neste sentido, o conhecimento do passado é essencial para ter acesso às fórmulas de controle dos acontecimentos da vida dos viventes. Esse passado mítico, que se refaz a cada instante no presente, é narrado pelos *odus* do oráculo de Ifá. Cada *odu* é um conjunto de mitos, cabendo aos babalaôs descobrir qual deles narra a história exata que está acontecendo ou que vai acontecer na vida presente do consulente que o procura. Quando o adivinho identifica o mito que se relaciona com o presente do consulente, e o faz usando seus instrumentos mágico-religiosos de adivinhação apreendem quais artifícios rituais - como sacrifícios, purificações e recolhimento - devem ser usados para dar fim aos males que afligem

Mitologias Africanas e Afro-Brasileiras na Sala de Aula - História¹

Prof. Alexandre Wilson Simões da Silva

Professor de História da rede pública e particular de ensino do estado do Rio de Janeiro com pós-graduação em História do Brasil pela UCAM e Especialização em História da África e suas relações com o Brasil pela – UNB Cead.

Em uma casa no Rio de Janeiro.

Ao chegar da escola, um filho comenta com seu pai.

— Pai, hoje o professor falou da importância e da influência da cultura e das tradições das sociedades negras na formação do Brasil.

— De onde essas pessoas tiram essas ideias? Onde já se viu um povo tão atrasado culturalmente nos deixar alguma herança cultural ou mesmo nos influenciar.

— Mais pai! O professor nos falou da alimentação, do vocabulário e até mesmo de algumas festas e comemorações.

— Vou ser obrigado a falar com o diretor dessa escola. Ensinando meu filho feitiçaria.

Em outra casa no Rio de Janeiro.

¹ Trabalho de conclusão do I Curso Mitologias Africanas e Afro-Brasileiras na Sala de Aula, realizado nos dias 16 e 26 de março de 2011, no RJ, - organizado pela Revista África e Africanidades, ministrado pela prof^a Especialista Nágila Oliveira dos Santos.

o consulente. A fórmula a ser receitada será a mesma aplicada no passado, quando foi usada com sucesso, conforme narra o mito. Nada é novo, tudo se refaz.

Também é atribuição dos babalaôs identificarem, no nascimento de uma criança, a reencarnação de um parente querido. Todo nascimento é visto como um retorno, e neste contexto não se pode dar nome a uma criança sem antes saber de onde ela vem.

Os babalaôs são ao mesmo tempo o guardiães do passado e decodificadores do presente. Eles retomam o passado para a compreensão do presente. Este conhecimento ocorre em um processo longo de treinamento que o obriga a decorar milhares de versos, os poemas de Ifá, que narram o passado mítico de seu povo, seus deuses e seus heróis (Prandi, 1996, cap. 3).

No Brasil, as técnicas oraculares são operadas pelos pais e mães-de-santo, pois não existem mais babalaôs aqui. Assim, os poemas de Ifá não são aprendidos em sua totalidade, atribuição conferida aos antigos babalaôs. Mas, pais e mães-de-santo ainda utilizam de recursos mágico-religiosos para descobrir o *odu* que conduz cada situação presente, como forma de revelar no presente as mesmas razões dos episódios no passado. E resolvê-las, com o mesmo receituário.

Cabe salientar que a concepção africana de tempo no candomblé como em outras denominações religiosas de origem nagô-iorubá estão intimamente associadas às idéias de aprendizado, saber e competência.

Em tempos anteriores a determinação do calendário europeu, os iorubás, organizavam o seu presente numa semana de quatro dias apenas. Já o ano era definido pela repetição das estações e eles não conheciam sua divisão em meses.

Ao chegar da escola, um filho comenta com seu pai.

— Pai, hoje o professor falou da importância e da influência da cultura e das tradições das sociedades negras na formação do Brasil.

— Que interessante meu filho. O que você aprendeu? Quais as influências e tradições que essas sociedades nos legaram?

— Há pai, temos muitas. O professor destacou as técnicas no processo de extração do ouro, o vocabulário, a alimentação, algumas brincadeiras e o que mais me interessou a religião.

— Por quê?

— A religião de alguns povos do continente africano que o professor falou é muito diferente da nossa. Eles percebem, entendem e explicam o mundo de uma maneira diferente.

A importância da disciplina de História acredito eu, está bem explicitada no diálogo – fantasioso – mas que creio ser realidade em muitos lares. Com o estudo da religião africana podemos derrubar uma série de preconceitos e estereótipos com relação às comunidades negras.

E como a disciplina de História pode derrubar essas barreiras?

Eu só vejo uma resposta. Trabalhar a ideia de alteridade, de semelhanças com outras religiões (mitologias) que são aceitas sem nenhum tipo de discussão, e que por algum motivo – será por sua matriz indo-européia? – não influencia de forma negativa a nós e aos nossos.

E de que forma nós professores, de História, podemos utilizar as mitologias africanas e afro-brasileiras na desconstrução desse preconceito?

Cada um desses quatro dias da semana iorubá tradicional, chamada ossé, era dedicado a uma divindade (Ojô Awô, Ojô Ogum, Ojô Xangô, Ojô Obatalá, respectivamente, dia do segredo ou de Ifá, dia de Ogum etc.), oregulando uma atividade fundamental para a vida de todos os iorubás tradicionais: o mercado. O mercado ou como nós comumente chamamos, a feira funcionava em cada aldeia e cidade num dos dias da semana, todas as semanas ou a cada duas, três ou quatro semanas. Nos dias atuais, na Nigéria, por exemplo, as mulheres vão vender seus produtos nos mercados de diferentes cidades, fazendo dessa atividade uma instituição fundamental para a sociabilidade iorubá e a regulação das relações cotidianas.

A duração de cada período de tempo era marcada de forma coletiva a partir de eventos experimentados e reconhecidos por toda a comunidade. Neste contexto cultural, um dia começava com o nascer do sol, não sendo determinante se as cinco ou às oito horas, em nosso cálculo ocidental, e findava quando as pessoas se recolhiam para dormir o que podia ser às oito da noite ou às duas horas em nosso horário. Essas variações, contabilizadas em horas, minutos, segundos e milésimos de segundos tão importantes para nós, não o eram para eles. Assim, o dia não era dividido em horas, mas em períodos, que poderíamos traduzir por expressões como "de manhã cedo", "antes do sol a pino", "com o sol na vertical", "de tardinha" etc. A noite era marcada pelo cantarolar do galo.

De que forma podemos inserir o estudo da África e de sua sociedade no nosso currículo?

As possibilidades de utilização das mitologias africanas e afro-brasileiras a meu ver é variado. Posso trabalhar a interpretação do texto dentro de uma perspectiva trabalhada na Língua Portuguesa. Posso trabalhar a interpretação desse mesmo texto, dentro de seu contexto (o que da realidade ele procura explicar). Existe a possibilidade de se trabalhar as diferenças entre os mesmos mitos, para explicar que o que parece homogêneo na realidade e muito heterogêneo e outra forma e a análise comparativa entre mitos de sociedades diferentes que explicam a origem de um mesmo fato, acontecimento natural ou características geográficas por exemplo. Importante também é trabalhar com as relações de gênero, de parentesco, de organização familiar e da relação dos orixás e consequentemente daqueles que os cultuam com a natureza.

Bem, fico por aqui. Em um primeiro momento fiquei relutante em realizar a tarefa mais depois as ideias foram surgindo que na realidade fui obrigado a interromper o fluxo de pensamento para poder da conta da tarefa solicitada em uma lauda.

Os iorubás tradicionais conheciam a existência do mês lunar, mas esta não tinha muita relevância, sendo muito mais importante as épocas de realização dos grandes festejos religiosos, marcados pelas estações e fases agrícolas do ano, que eles chamavam de odum.

Dias e semanas eram contabilizados em função de cada evento, de modo que a mulher era capaz de controlar a duração de sua gestação, bem como o homem calculava o desenvolvimento dos seus cultivos, mas sem datação. Para os iorubás tradicionais havia duas grandes estações, uma chuvosa e outra seca, separadas por uma estação de fortes ventos, de modo que cada ano podia durar alguns dias a mais ou a menos, dependendo do atraso ou adiantamento das estações, mas isso não era tido como relevante, uma vez que os dias não eram computados aritmeticamente.

Nas cortes dos reis iorubás havia funcionários incumbidos de manter viva a memória dos reis, e eles eram treinados para recitar os eventos importantes que marcaram o reinado de cada soberano por diversas gerações, mas os episódios não eram datados, fazendo com que a reconstrução atual da história dos povos iorubás não comportasse uma cronologia para os tempos anteriores à chegada dos europeus, vendo-se obrigada a operar em grande parte com mitos e memórias lançados num passado sem datas.

Para os iorubás antes do contato com a cultura europeia, os acontecimentos do passado estão vivos nos mitos, que narram os grandes acontecimentos, os atos heróicos, as descobertas e toda variedade de eventos dos quais a vida presente seria uma continuação.

Plano de Aula - História

7º Ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDOS:

A África e os africanos no Brasil, A religiosidade dos africanos escravizados

OBJETIVOS:

- Conhecer aspectos das culturas e civilizações africanas antes da chegada dos europeus à África;
- Refletir sobre a participação dos africanos e afrodescendentes na formação da sociedade brasileira;
- Leitura e análise de imagem (dos anexos);
- Leitura e interpretação de mapas e textos.
- Combate ao preconceito religioso e étnico;
- Defesa dos direitos humanos e valorização das diferenças;
- Respeito à opinião dos colegas e às diferentes formas de expressão da religiosidade;
- Valorização da prática de cidadania.

1ª aula

Tempo: 50 minutos

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

Colocar na louça após o título da aula:

- Local em que ocorreram os fatos a serem analisados;

Diferente da narrativa histórica, os mitos nem são datados nem mostram coerência entre si, não existindo nenhuma possibilidade de julgar se um mito é mais verossímil, digamos, do que outro. Cada mito direciona-se a uma necessidade de explicação sobre determinado assunto e justifica fatos e crenças que compõem a existência de quem o cultiva. Isto, no entanto, não impede a existência de versões conflitantes quando os fatos e interesses a serem justificados são divergentes. O mito narra o passado remoto que elucida a vida no presente. O tempo mítico é apenas o passado distante, e fatos afastados por um espaço de tempo muito grande podem ser apresentados nos mitos como casos de uma mesma época, concomitantes. Devemos lembrar que cada mito possui um caráter autônomo e os personagens de um podem ser expostos em outro, com outras características e relações, às vezes, conflitantes, sem que isso insinue algum tipo de questionamento da sua veracidade. Os mitos são sempre narrativas parciais e sua reunião não reproduz qualquer totalidade. Nos mitos não existe um fio narrativo, como aquele que orienta a construção da história para os ocidentais.

*SANTOS, Nágila Oliveira. Algumas reflexões sobre a concepção de tempo entre os iorubás tradicionais. In: CURSO MITOLOGIAS AFRICANAS E AFRO-BRASILEIRAS NA SALA DE AULA. 1., 2011 Rio de Janeiro, RJ, CD: Rio de Janeiro, RJ: Revista África e Africanidades

- Período de tempo em que ocorreram os fatos a serem analisados;
- Identificar no mapa do continente africano os principais grupos e civilizações do oeste do continente e destacar entres esses povos aqueles que foram trazidos para a América Portuguesa.
- Ao realizar o trabalho com o mapa caracterizar as sociedades pré-coloniais africanas em suas características sociais, econômicas, políticas e religiosas.
- Apresentar questões motivadores e/ou problematizadoras
- Fazer um levantamento em sala de aula para descobrir a origem e saber se há descendentes de negros ou indígenas.

2ª aula

Tempo: 50 minutos

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

- Apresentar o texto “*Oxalufã*”² (Reproduzido no Manual do Professor do livro: História Temática: diversidade cultural e conflitos, 6ª Série/ Cabrini, Catelli, Montellato. – São Paulo: Scipione, 2004. pp. 34,35 e 36.) para discussão em sala de aula.
- Atividade para casa: Elaboração de um vocabulário étnico/religioso com as palavras do texto que tem origem africana.
- Realizar as atividades propostas no Manual do Professor.

² VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas Africanas dos orixás*. 4ª Ed. Salvador: Corrupio, 1997. pp. 68-71.



Iemanjá e Orunmilá eram casados. Orunmilá era um grande adivinho, com seus dotes sabia interpretar os segredos dos búzios. Certa vez Orunmilá viajou e demorou para voltar e Iemanjá viu-se sem dinheiro em casa. Então, usando o oráculo do marido ausente, passou a atender uma grande clientela e fez muito dinheiro.

No caminho de volta para casa, Orunmilá ficou sabendo que havia em sua aldeia uma mulher de grande sabedoria e poder de cura, que com a perfeição de um babalaô jogava búzios. Ficou desconfiado, quando voltou, não se apresentou a Iemanjá, preferindo vigiar, escondido, o movimento em sua casa.

Não demorou a constatar que era mesmo a sua mulher a autora daqueles feitos, Orunmilá repreendeu duramente Iemanjá, ela disse que fez aquilo para não morrer de fome, mas o marido contrariado a levou perante Olofin-Oludumare.

3ª aula

Tempo: 50 minutos

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

- Fazer uma rápida revisão sobre os conteúdos e ideias estudados na aula anterior.
- Discutir as atividades trazidas pelos alunos de suas casas e esclarecer as dúvidas.
- O levantamento das palavras desconhecidas.
- Correção das atividades de interpretação do texto³.
- Apresentar aos alunos os textos dos complementares (quadro ao lado) destacando os assuntos que já foram trabalhados nos encontros anteriores, procurando fazer paralelos com a realidade dos alunos e com o tempo presente.
- Entregar para os alunos os três textos para uma análise, em um primeiro momento individual.

4ª aula

Tempo: 50 minutos

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

- Juntar os alunos com os mesmos textos, para que se possa fazer uma análise, em grupo do texto.

³ Após a realização das atividades propostas acredito que os alunos estarão mais preparados para analisar de forma mais aprofundada os textos do complementares.

Olofim reiterou que Orunmilá era e continuaria sendo o único dono do jogo oracular que permite a leitura do destino, Ele era o legítimo conhecedor pleno das histórias que forma a ciência dos dezesseis odus. Só o sábio Orunmilá pode ler a complexidade e as minúcias do destino, mas reconheceu que lemanjá tinha um pendor para aquela arte, pois em pouco tempo angariara grande freguesia.

Deu a ela então autoridade para interpretar as situações mais simples, que não envolvessem o saber completo dos dezesseis odus, assim as mulheres ganharam uma atribuição antes totalmente masculina.

¹ Texto extraído de PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. SP: Companhia das Letras. 2001.

- Atividade para casa: Os alunos em casa deverão elaborar de três a quatro perguntas sobre o texto analisado com suas respectivas resposta.

4ª aula

Tempo: 1 hora e 10 minutos

ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS

- Após a chegada os alunos deverão entregar as perguntas juntamente com os respectivos textos para um aluno que tenha trabalhado com um texto diferente e receber as perguntas e o texto do colega.

- Os alunos após as trocas dos textos, deverão responder as perguntas feitas pelo colega de classe. Após responder as perguntas deverá entregar àquele que elaborou para ser corrigida.

- Após a correção das perguntas por aqueles que a elaboraram os alunos deverão entregá-las ao professor para que a partir da análise das perguntas e resposta faça um diagnóstico da aprendizagem

- O feedback sobre a análise das perguntas e suas respectivas respostas serão dadas na próxima aula de forma expositiva e dialogada fazendo as relações entre a religiosidade dos africanos e dos afro-brasileiros e a sua relação com o nosso cotidiano.

- Levar algum representante da religião africana para dar depoimentos sobre o preconceito e tradições religiosas africanas.